
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 8 – Ponte do Carmo

| | Página |
|-----------------------------------|--------|
| 1 – MUDANÇA PARA A PONTE DO CARMO | 2 |
| 2 – INVENTÁRIO | 2 |
| 3 - VISITA AOS PARENTES NO PARANÁ | 9 |
| 4 – TRABALHO E NEGÓCIOS | 10 |
| 5 – VISITA DO ARIMATHÉA | 12 |
| 6 – MEU ANIVERSÁRIO | 13 |
| 7 – A DOENÇA DE MINHA ESPOSA | 14 |

Transcrito dos Diários do Vovô Zotinho e Tigró por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

CAPÍTULO 8 – Ponte do Carmo

1 – MUDANÇA PARA A PONTE DO CARMO

Passei a escritura da Chácara e em seguida arrumei o caminhão do Zé Miguel para levar a mudança. Levei o milho, uns dez cargueiros, um armário grande que foi de minha mãe e um guarda roupa grande que foi da Dorinha, para o Sr. Paiva. Deixei lá com a Bebê. A Dorinha quando foi de mudança para o Paraná, deixou a mobília toda para a Glorinha: 2 guarda-roupas, cama, bufet, “tagé”, armário de copa e outro de cozinha.

Mudamos para a Ponte do Carmo. Recebi um cheque de 50 contos da Chácara que vendi. Dei o cheque para a Alaíde e ela depositou no banco de Itajubá. O gerente era o Sr. Nelito, homem bom e muito meu amigo, velho conhecido do tempo do Zé Nogueira em Silvestre Ferraz.

2 – INVENTÁRIO

Arranjei o compadre Antonio Gorgulho para fazer o inventário. Ele não sendo formado, arrumou o Dr. Paulo Bráulio de Vilena para assinar os papéis e ajudar.

O dinheiro que o Caio deixou, só apareceram 17 contos no Banco Ribeiro Junqueira, que o Gerente não quis entregar aos irmãos. O Nhonhô estava querendo ficar com a Sede e as benfeitorias. Eu combinei com ele de ficar com o espigão para cá, com o cafundó, terreno de cultura.

Os arrendeiros do Caio moravam para cá do espigão: Geraldinho, Zé Henrique, Dito Graciano, Antonio Graciano, Tãozinho, Joaquim Porfírio, Tia Zefa com o Ditinho, Sebastião Bernardo, Tiao Saturno.

Mandei eles roçarem e tratei de arar para plantar.

Mandei a Alaíde combinar com o Nhonhô que desse umas dez vacas para por no inventario e que depois nós repartiríamos o gado de acordo.

Tinha mais dois que plantavam aqui, mas eram de fora: José Paulino e Dito Picheiro, que era camarada do Caio na fazendinha, desde menino, camarada para tudo, de confiança do Caio. Tirava leite, trabalhava na lavoura, consertava moinho, etc. Chegava um comprador de gado e o Caio chamava o Dito Picheiro.

Antonio Gorgulho requereu o inventario da 3ª parte da Fazendinha na Ponte do Carmo, fazenda esta que os três irmãos receberam do pai Dr. Albertino.

Era no valor de 330 contos, 66 alqueires, sendo 22 para cada um à 5 contos o alqueire. Antonio Gorgulho arranjou com o Coletor de Pouso Alto, que aceitou de ser inventariado a 5 contos mesmo. As dez vacas deram 30 contos, sendo 3 contos cada; 4 bois arreados e um arado por 10 contos; 2 cavalos e 1 égua a 3 contos. O quarto mobiliado com guarda-roupa, cama, etc. por 7 contos; dinheiro no banco Ribeiro Junqueira no valor de 17 contos; uma hipoteca com Sebastião Crisóstomo de Negreiros: 10 contos.

O Nhonhô deixou correr o inventário e depois de um certo tempo não quis repartir o gado. Foi lá no Promotor e falou que a Alaíde não pôs o gado todo no inventário. O Promotor fez um ofício ao Juiz, dizendo que a Alaíde não podia ser testamenteira e precisava de tutor para os filhos e que era para nomear o Cinhô, Joaquim Arruda, tio dos meninos, porque ela tinha sonogado o gado do inventário.

O Sr. Paiva, sendo Juiz de Paz, estava substituindo o Juiz de Direito, que estava de férias. Recebeu o ofício e mandou a Bebê vir cá no Carmo me avisar do ocorrido. O ofício foi para o Juiz de Itanhandú. Participei imediatamente o Antonio gorgulho do ocorrido e ele tomou as providências.

O Juiz respondeu, dando a sentença:

– O gado não é dela. É da sociedade. Reparta e ponha no inventário a parte dela. Mandei chamar o promotor, o Antonio Gorgulho e o Eduardo para repartir o gado. Eu não fui e nem deixei a Alaíde ir. Após o gado dividido, veio o louvado do Estado. Mandei ele entrar na fazenda. Tudo que tinha dentro a Alaíde era meeira. Que ele louvasse para ser inventariado, o que ele fez. Colocou a mobília de sala, um rádio de parede, 4 dúzias de taças de cristal que pertenceram ao Barão de Pouso Alto, louças, talheres, baterias de cozinha e até sacos de mantimentos na dispensa e 150 galinhas. E foi tudo no inventário. O gado e tudo que foi louvado deu 120 contos.

A casa, eles receberam do pai no valor de 4 contos e quinhentos. O Caio deu um retoque, acentou o moinho, pôs luz e foi louvada por 30 contos para os três, sendo 10 contos para cada um. O moinho e a usina por 4 contos, sendo só dos dois. Tocava para a Alaíde 12 contos para ser inventariado.

O escrivão de Pouso Alto deu para repartir com os dois órfãos, filhos da Alaíde, um terreno de 22 alqueires por 110 contos, ficando a Alaíde com o gado sem terreno.

Eu não achei nada bom e falei com o escrivão:

– Isto não é justiça.

Ele disse:

– Aqui em pouso Alto é assim, há trinta e tantos anos que eu faço assim. Você fale com o Juiz.

O advogado reclamou, mas o Juiz julgou o inventario assim mesmo. O advogado Dr. Paulo Vilena me disse para apelar o inventário para o Tribunal, mas o Sr. Paiva não concordou e me disse:

– Vai ficar muito caro, as despesas aumentam no risco de perder.

E neste vai e vem o Dr. Paulo contou a seu filho Milton Bráulio de Vilena, Juiz de Direito do Nordeste de Minas, o qual escreveu uma carta para seu pai em São Lourenço dizendo:

– Manda os autos do inventário e 5 contos de reis para o Dr. lobo em Belo Horizonte. Fizemos isto imediatamente.

Passado uns 15 ou 20 dias veio uma carta do Dr. Lobo dizendo:

– Ganhamos a questão. Peço mandar mais 1 conto de réis para as despesas de devolução dos autos.

Este chegou em Pouso Alto mandando o escrivão repartir com igualdade:

– A viúva é meieira em tudo.

Como o Nhonhô queria ficar com a casa, eu pedi para o escrivão que os pastos da casa ficassem só para a Alaíde a 12 contos para ela vender para o Nhonhô. E assim foi feito e terminado o inventário. Alaíde queria bem o Nhonhô. Mandei ela repartir os trastes da casa com ele. Repartiu com caridade e consciência, aceitando tudo que foi combinado. A casa eu mandei Alaíde propor: recebia 50 contos ou pagava 50 para cada um dos dois. O Nhonhô respondeu:

– Eu fico com a casa, mas não tenho dinheiro.

Alaíde vindo me falar, pedi para ela voltar e falar com ele:

– Vendo fiado, pague quando quiser.

Ele disse: – Eu não quero, porque eu não assino letra.

Por estas alturas já estava se aproximando as colheitas. Eu já tinha fechado todas as culturas para poder ter o gado nas capoeiras. O Nhonhô queria que eu repartisse o arrendo com ele. Mandei a Alaíde falar com ele para deixar eu por o gado pra lá do espigão, na parte dele, que tinha mais pasto. Ele disse:

– Não quero mistura de gado pra cá do espigão, não quero criação sua.

Na colheita do feijão ele foi com o delegado em São Lourenço, encheu o delegado de prosa e trouxe um soldado na charrete e mandou ele ir lá em casa entregar um ofício do delegado, intimando a Alaíde a comparecer em São Lourenço à 1 hora da tarde na Delegacia. Peguei o ofício e mandei a Alaíde escrever embaixo:

– Recebi seu ofício pelo soldado Antonio às 11 horas. Já tendo passado o trem não posso atender o seu chamado. Peço ao Sr. se entender com meu advogado aí no Castelinho: o Dr. Antonio Eurico Gorgulho.

Passado uns dias, Sá Marica veio de Pouso Alto e trouxe um recado do Juiz, chamando a Alaíde a comparecer lá, na quinta feira ao meio dia. Alaíde ficou incomodada, mas eu não a deixei ir:

– O Juiz não chama ninguém.

Quando os arrendeiros estavam quebrando as roças, veio o Merinho do Juiz e intimou um por um dos arrendeiros para repartir o arrendo com o Nhonhô.

Mas eles disseram:

– Pago para a D^a Alaíde, com quem nós tratamos. E os senhores que são brancos que se entendam.

Os dois irmãos, Nhonhô e Cinhô, queriam que a Alaíde requeresse a divisão das terras da fazenda, o que eu disse:

– A Alaíde não requiere, mas não dificulta a vocês de fazerem a divisão amigavelmente. Trouxeram o engenheiro para medir a fazenda: Dr. Araci.

Falaram com Alaíde:

– Eu dou um camarada e você dá outro.

Ela falou: – Vocês façam tudo certo que a terça parte das despesas eu pago.

O Cinhô arrumou o Dr. Agenor Gomes Pinto e o Nhonhô o advogado Dr. Gifone de Baependi. Alaíde ficou sem advogado porque o Dr. Paulo morreu e o Antonio Gorgulho mudou-se. O Juiz de Pouso Alto, o engenheiro Dr. Araci, não aceitou a divisão amigável e o Cinhô mandou o seu advogado, Dr. Agenor, requerer judicialmente. O Juiz mandou intimar o Nhonhô, o Cinhô e os três que haviam comprado a parte do Cinhô, do outro lado do rio Verde.

Alaíde e os dois filhos, na pessoa do promotor, recebendo a intimação, fomos eu e ela à Pouso Alto. Aconselhado pelo Sr. Paiva, Alaíde deu a procuração para Dr. Agenor. Ela disse:

– Já que sendo com justiça, o Sr. pode fazer a minha parte também.

O Juiz nomeou outro engenheiro: Dr. Caldas, cunhado do dr. Araci, que em combinação com o Dr. Agenor, aproveita o mapa de medidas do Dr. Araci.

O Juiz nomeou também os peritos e para louvar o terreno o Sr. José Vitor da Fonseca e o Sr. Geraldo Guimarães Pereira, os quais classificaram a divisão: o terreno de primeira foi 3 contos, o de segunda 2 contos e o de terceira 1 conto. O Dr. Caldas foi lá ficar comigo, comia e dormia lá em casa.

Conforme eu já disse, no inventário, a Fazendinha pra cá do rio Verde era só dos dois: Caio e Nhonhô.

Nhonhô combinou com Alaíde de ficar com a morada e os pastos pra lá do Espigão. Alaíde ficou do espigão pra cá. Com a classificação, a jeito deles, deram 16 Alqueires a menos para Alaíde.

Mas agora com a classificação pelos peritos do juiz, feita com justiça, Alaíde ficou com a parte desde a nossa casa até o Espigão acima. Eu aproveitei a presença do engenheiro e dos peritos e pedi a eles para dividir também a parte dos dois meninos.

Depois de tudo pronto, faltou a parte da casa que a Alaíde tinha, no valor de 12 contos e vendia para o Nhonhô por 6 contos. Ele não quis fazer negocio nenhum. O promotor e o juiz escreveram para Alaíde, para pagarem as contas para o juiz julgar a divisão. Alaíde ficou toda incomodada. Maria disse para ela:

– Faça tudo o que seu pai mandar, seu pai sabe o que faz, minha filha.

Eu fui com Alaíde no juiz. Ele nos recebeu e nos disse:

– Eu não sei de nada, o advogado é quem sabe, a Sra. tem parte na casa, não é?

Dr. Agenor fez um requerimento ao juiz pedindo a ele para mandar louvar a casa para dividi-la pelos três. O juiz indeferiu o requerimento e disse:

– Ela tem 12 contos na casa. Dr. Agenor combinou com o Nhonhô e Alaíde e fomos a Baependi na casa do Dr. Gifone, advogado do Nhonhô. Lá foi combinado: Nhonhô dava 3 alqueires de terra pela parte da casa.

Eu perguntei: – Qual terreno?

O advogado respondeu:

– No Espigão da Fazendinha, terreno de segunda, classificado a 2 contos o alqueire. Dr. Agenor, sabendo que Alaíde tinha 12 contos para receber, disse que os alqueires deveriam ser grandes: 100m x 100m.

O juiz mandou o Dr. Caldas, homem nervoso e barulhento, para fazer a divisão. Estávamos eu e ele almoçando e a Maria nos servindo. Em conversa eu disse que ele era sabido. Ele esbravejou e disse:

– Sabido não Senhor!

Maria veio depressa da cozinha saber o que é que houve. Eu me humilhei e disse-lhe desapontado:

– Eu quis dizer que o Sr. é um sábio, desculpe-me o meu jeito de falar.

Terminamos o almoço e cada um foi cuidar de seu serviço.

Depois o Dr. Caldas desembarcou aqui todo bravo para medir os 6 alqueires que o juiz mandou, dizendo:

– O Sr. dava por 3 alqueires e agora como vai pedir 6 alqueires?

Eu disse:

– O Sr. faça como o mandado do juiz e faça direito, senão eu não aceito.

O juiz julgou a divisão e terminou tudo, feito com Deus e com boas amizades. Os oito herdeiros ficaram todos satisfeitos e contentes.

Para pagar as custas e o advogado, fui no Banco de Itajubá, que nesta ocasião era gerente o Sr. Manuel Ribeiro Ferraz, Sr. Nelito, um velho amigo do tempo do Zé Nogueira, em Silvestre Ferraz. Homem bom e caridoso, muitas vezes eu chegava lá no Banco fora do horário e ele vinha me atender:

– Quanto é que você precisa?

Eu falava: – Preciso de tanto.

Ele ia no cofre, tirava o dinheiro, deixava o vale e me dizia:

– Você vem com Alaíde depois para arrumar o documento.

Alaíde, ficando muito alegre e satisfeita, chamou a Glorinha e combinou de dar dois alqueires de terra pelos 50 contos do papai. Da estrada de rodagem para baixo eu vi que tinha mais de 2 alqueires. Como a Zuza tinha o diploma de professora, deixei que Alaíde desse a escritura dos dois alqueires para a Glorinha.

Alaíde, mulher boa, humilde e trabalhadora, obediente e caridosa, e sempre rente com os camaradas no serviço. Quando ela não aparecia, os camaradas achavam falta nela e diziam:

– Dona Alaíde hoje não veio?

Quando o leiteiro não vinha para levar o leite, ela arriava a charrete e punha as duas latas de 50 litros e levava à Vigor em São Lourenço, passando pelo Patronato, descia nas Parmelas e saía na Federal, estrada de Silvestre Ferraz e chegava em São Lourenço. Mais tarde o Nhonhô deu a ela a chave da estrada particular e do alto da Fazendinha ela descia na Vila Carneiro, encurtando uns 6 Km.

VERSÃO DA TIGRÓ – AGOSTO DE 1953

Papai fechou o Cafundó para a lavoura e pôs bastante gente para plantar. O arrendo foi combinado em 30% de milho ou feijão nas colheitas. Foi uma beleza, bastante arrendo. Mas o Nhonhô quando viu a quantidade de arrendo na parte da Alaíde ele quis roer o trato de um respeitar a parte do outro. Ele mandou um camarada dele com uma tropa de burros e um soldado buscar a metade do arrendo para ele, dizendo ao soldado para amedrontar o Zotinho no caso de embargo do carregamento.

Papai quando ficou sabendo daquilo, montou a cavalo, saiu a galope e quando foi chegando perto da roça gritou para os arrendeiros para feixarem a porteira e não deixarem passar os burros do Nhonhô:

- Não entreguem nem uma espiga de milho e nem uma vagem de feijão, do contrário vocês terão que pagarem dois arrendos.

Papai ordenou ao camarada do Nhonhô voltar com a tropa vazia e perguntou ao soldado:

- *O Sr. veio aqui a mando do Juiz?*
- *Não Senhor. Vim por ordem do Nhonhô, que me disse que o Senhor está mancando com ele, deixando de repartir o arrendo da Fazenda com ele.*
- *Então vamos à presença do Nhonhô, esclarecer esse assunto.*

Quando chegaram, o Nhonhô falou para o soldado:

- *Você não fez o que mandei? A tropa voltou vazia. O Zotinho não é dono de nada aqui, ele é só um mandão.*

Papai mostrou para o soldado o papel da divisão amigável assinado pelo Dr. Paulo Bráulio Vilena . O soldado viu o documento e disse:

- *Minha presença aqui é desnecessária, agora que estou por dentro da verdade.*

Papai falou para o Nhonhô:

- *Eu sou manco da perna, mas porem honro minha palavra e respeito o que é de direito e não dou meu direito a ninguém.*

Nhonhô para se vingar foi ao Promotor e denunciou a Alaíde dizendo para o Juiz nomear um dos irmãos do Caio como tutor dos filhos do Caio, porque a mãe Alaíde não é digna deles e nem para tomar conta do que eles herdaram. E também que Alaíde estava sonogando a pôr o gado no inventário. O Promotor comunicou o Juiz de Direito da Comarca de Pouso Alto. Este estava de férias e quem o estava representando era o Sr. Paiva, o qual falou que se tivesse que ser nomeado um tutor, este teria que ser o avô e ordenou ao Promotor que fosse imediatamente à Fazendinha examinar o gado para ser inventariado, para ser repartido judicialmente o gado e tudo o que tivesse dentro da casa.

Sr. Paiva pediu pra Bebê vir aqui avisar o papai, contar a denúncia para ele tomar as providências. Papai foi ao Dr. Vilena. Ele perguntou se papai queria a tutela dos netos. Papai disse:

- *Quero justificar a dignidade da Alaíde, levar ao conhecimento do Juiz que ela é a legítima mãe dos meninos, capacitada para criá-los e tomar conta do que é deles. Eu sou avo e avô é pai duas vezes.*

Acontece que foi ótima a denúncia do Nhonhô. Veio o Promotor Antonio Gorgulho e o Eduardo. Foi posto no inventário apenas vinte cabeças de gado para não acrescentar muito as despesas e o resto do gado poderia ser vendido ou trocado.

O Promotor ordenou ao Nhonhô repartir com igualdade com a Alaíde, todos os objetos de utilidades, até as galinhas. Papai falou:

- *Alaíde minha filha, vai receber sua parte. Tenha o máximo de caridade com o Nhonhô. Não faça arrelia. Receba o que ele quiser dar. Deixa que ele reparta e que fique com a maior parte, porque o que você receber é lucro e para o Nhonhô, que nunca pensou em repartir, é prejuízo.*

Também a sede da Fazenda, casa, gerador de luz, moinho d'água, também entrara na divisão. De acordo com a Justiça, foram avaliados em 150 contos. O Sinhô também teve parte na divisão. No inventário do pai deles, os três são herdeiros, sendo a Alaíde no lugar do Caio. Papai falou para Alaíde propor dela receber os 50 mil de sua parte. Passado bastante tempo, Alaíde em vez de receber os 50 mil, foi proposto receber em seis alqueires de terreno.

Dr. Caldas, engenheiro agrônomo, veio medir o terreno para fazer a partilha para a Alaíde acrescentar seis alqueires para pagar a sua parte na Sede da Fazenda. Na hora de medir os seis alqueires o Dr. Caldas, puxando o saco do Nhonhô, disse:

- Seu Zotinho, é um absurdo seis alqueires pela parte da Sede. O Nhonhô está louco.

Papai disse:

- O Sr. veio fazer o serviço à mandado do Juiz, pois faça-o e faça muito bem feito, como lhe foi mandado, senão eu não aceito.

- O Senhor é muito esperto Sr Zotinho.

- E o Senhor Doutor é muito sabido.

O Doutor achou ruim e disse todo nervoso:

- Sabido não Senhor.

- Não foi isso que eu quis dizer Doutor. Eu quis dizer que o Sr. é sábio.

E deu muito trabalho o inventário da Alaíde.

O papai disse:

- O inventário da Alaíde, a papelada está arquivada no Fórum de Pouso Alto para servir de modelo para os outros. Deu trabalho, ficou caro e demorou bastante, mas graças a Deus vencemos. Agüentar o coitado do Nhonhô e o Sinhô, com suas hipocrisias e falsidades não foi fácil. Eu pedia todos os dias para as Santas Almas do papai, da mamãe, do tio João do Morro, tia Imaculada, das minhas duas filhinhas que são dois anjos que estão no céu, para me ajudarem e me protegerem. Agora acabou o inventário minha filha, mas a labuta continua. Vamos trabalhar, Deus ajuda quem trabalha e o tesouro está na terra. Vamos plantar o mais que pudermos e conservar o que temos. Estamos aí com um gadão de oitenta cabeças.

Eu argumentei:

- É verdade pai, tudo pode acabar, só o que não acaba é a nossa luta. Às vezes pai, eu me pergunto qual o resultado da nossa luta aqui? Sujeitamos a morar nessa tapera sem conforto, o Sr. e a mamãe já com bastantinha idade. Nos levantávamos antes das cinco da manhã, a mamãe já estava com o café coado e uma peneira de bolinhos fritos. A mamãe faz isso sem encarar sacrifícios, porque ela sabe que o Senhor merece. Mas afinal pai, quem merece tanto sacrifício do Senhor e da mamãe que já lutaram demais da conta para criar sete filhas e um filho. Não é necessário lutar para criar os netos.

- *Enquanto eu puder lutar pela vida, minha filha, hei de lutar. O trabalho é oração. Com a ajuda de Deus lutei para criar os filhos. Espero que Deus me dê força, saúde e coragem para ajudar a criar os netos. Deus me deu uma santa companheira. A Maria luta comigo ou até mais, nunca se queixa da sorte e nem da situação. O que mais você quer que aconteça de bom para nós minha filha. Eu só tenho que agradecer a Deus esta riqueza. Que importa a casa estar velha, é só fazer outra. O importante é que somos donos: 200 cargueiros de milho no paiol, 10 porcas criadeiras e capados gordos no chiqueiro, 80 cabeças de gado, galinhada, frangos, ovos, verdura, legumes, tudo fruto do nosso trabalho. Louvado seja Deus.*

Papai pediu para eu ir lá na Fazendinha com a Alaíde ajudar a repartir os objetos. Ele disse:

- *Mas vai só para ajudar a carregar, não precisa dar palpites e nem ofender o Nhonhô e nem exigir: quero isso, quero aquilo. Tragam o que ele quiser dar.*

Fomos. Nhonhô nos tratou muito bem. Sá Marica e D^a Letícia abriram o guarda louça, foram tirando os objetos e entregando para a Alaíde: 18 taças de cristal antigo do tempo do Barão, coisa linda, com tamanhos variados; duas compotas também de cristal; umas 5 ou 6 manteigueiras; duas licoreiras, uma era um cálice pequenino, uma gracinha; uma fruteira de prata que eu nunca tinha visto tão bonita, era uma dama de honra segurando uma bandeja de fruta toda em prata; uma dúzia de xícaras de porcelanas, pratos antigos e lindos, um faqueiro de pata chique, um tacho de cobre enorme, bacias de ágata e de louça e de ferro batido. Também foram separados para a Alaíde: armários, cadeira, catres e uma escrivaninha linda. No galinheiro já estavam fechados para entregar: 10 galinhas e 3 galinhos garninzé. Levamos tudo lá pra casa.

De madrugada papai chamou a mamãe:

- *Sá Maria, acorda para ver os galos cantarem. Os diabinhos garninzés cantam mais do que os outros.*
- *Você está gostando de ouvir os garninzés cantarem, meu velho? Pois eu não estou gostando nada deles, vão mestiçar a galinhada toda.*
- *Ah, deixa os galinhos aí.*

No ano de 1955, papai, mamãe e a Zuza, foram passear no Paraná. Aí, quando o Nhonhô e o Sinhô ficaram sabendo da ausência do papai, vieram aqui com seus advogados. Trouxeram uns papeis para a Alaíde assinar. Mas felizmente o Eduardo estava aqui e falou para a Alaíde não assinar. Ela obedeceu ao Eduardo. Foi a salvação. Se ela assinasse estava perdida. Nhonhô e Sinhô tentaram de todo o jeito passar a Alaíde para trás, mas não puderam.

3 - VISITA AOS PARENTES NO PARANÁ

Estando Alaíde muito triste, com saudades do Caio, eu convidei-a e fomos ao Paraná visitar os parentes: as minhas duas filhas e a minha madrasta Maria Rita Vilela com os filhos. Passeamos por lá uns 8 dias.

Alaíde ia a missa todos os dias, na igreja de São José, perto da casa da Dorinha, e sempre encontrava gente conhecida. Havia muitos por aquelas bibocas. Porfírio Vieira, vizinho lá nos Pintos, tinha um sítio lá perto de Maringá. Convidou-nos para irmos passear em seu sítio.

Fomos passando por Morangueira, arrebalde de Maringá. Portamos num sítio de Joaquim Pereira de Castro que tinha sido morador no Rosário de Dom Viçoso, muito meu amigo, hoje vendedor em Maringá. Estava viúvo de pouco tempo com seus 40 e poucos anos, com os filhos todos colocados. Falou comigo que queria casar com a Alaíde e eu disse:

- Isso é lá com ela, Joaquim.

Ele disse: - Posso falar com ela?

- Pode, disse eu.

Falou com Alaíde e ela o tratou muito bem, mas por enquanto não pretendia se casar, mas se resolvesse casar, seria com ele. Logo depois ele mudou-se para São Lourenço e esperou mais um ano. Alaíde não resolvendo, ele casou-se com uma viúva de Pedralva.

Passeamos bastante por lá e tratei de voltar para o Carmo onde deixei minha esposa com as três filhas: Glorinha, Zuza e Landinha, na luta da fazenda, com os camaradas e o retiro.

Em outra ocasião, estando os negócios mais ou menos arrumados e tendo diminuído os serviços, convidei a patroa para irmos visitar as filhas no Paraná. Moravam em Maringá a Dorinha, casada com Geraldo e a Terezinha, casada com Chiquinho. Estava morando lá também, de pouco tempo, a minha madrasta Maria Rita Vilela. Tendo morrido o pai dela, ela mudou-se de São Lourenço para Maringá com os 5 filhos. E fomos. Embarquei aqui em Américo Lobo as 9:00 horas e desembarquei na Estação Pedro II na boca da noite. Peguei um carro de aluguel e fomos para a Estação Sorocabana. Eu com a Maria, Zuza, Abigail e Zé Nogueira lá dos Florentinos, ajudando a carregar as malas. Enchemos o automóvel e o chofer disse:

- Eu trabalho no Banco e tenho meu carro. Nas horas vagas eu faço algum carreto. O Sr. vai me pagar 25 reis. Eu paguei os 25.



Locomotiva da Rede Mineira de Viação

Quando voltei do Paraná, banquei o mineiro e trouxe a Terezinha com os filhos, Maria de Sá e muitas malas. Desembarcamos na Sorocabana as 8:00 horas. Saímos na rua e os táxis iam pegando e saindo. Eu dizia:

– Quando eu vim dei 25, agora eu dou 30.

Quase que estava ficando sozinho. O povo ia saindo e eu ficando com a família. Os fiscais por ali. Um chofer chegou e me disse:

– Entra aqui, o Sr. me dá o excedente pelas malas.

Nós entramos. Ao chegar na Estação da Luz, o taxímetro marcava 14 reis, mas eu dei os 30 que queria dar, na vista do fiscal mesmo.

Embarcamos para o Paraná as 10:00 horas da noite. Viajamos a noite toda e chegamos em Ourinhos as 9:00 horas. Atravessamos o rio e chegamos no Paraná. Viajamos o dia todo. As 10:00 horas da noite chegamos em Maringá. Fomos para a casa da Dorinha. A Terezinha morava pertinho dela e a madrasta também, na rua de baixo. Aquela noite mesmo o povo alvoroçou e passamos a noite conversando. No outro dia cedo Maria foi à missa na igreja de São José que era ali perto. Encontrou muitos mineiros de Itajubá e alguns lá dos Pintos e de Virgínia. Maria foi com o Geraldo em Marialva passear.

Entraram em um bar para tomar café. Veio um Sr. alto e simpático servir o café e perguntou:

– A Sra. não é a Maria do Sr. Zotinho?

– Sou sim, e o Sr. quem é?

– Eu sou o Joaquim Guedes, morava lá na Grotta dos Carneiros, quando o Sr. Zotinho negociava lá em baixo, no fim da várzea. Minha mae tendo que fazer uma viagem, me deixou uns tempos com a Sra. Eu tinha de 8 para 9 anos e o Sr. Zotinho me dava o cabresto e mandava eu ir no pasto pegar a égua dele. A Sra. dizia: – Ele é muito pequeno Sr. Zotinho. Um dia peguei o cabresto e fui ao pasto, a égua corria no pasto todo e custei a pegá-la. Peguei, passei o cabo do cabresto no pescoço dela e puchei-a no barranco para poder por o cabresto no pescoço dela. Com a ponta do cabresto dei-lhe com a ponta do cabresto na cara dela e disse: – Você está na mão de um homem. A égua virou-se me arrastando, escapou e saiu arrastando o cabresto e eu correndo atrás dela.

A Sra. veio no portão e me perguntou: – Você caiu? Eu contei-lhe o acontecido e o pessoal deu risada. E ele concluiu: – Amanhã eu vou lá em Maringá ver o Sr. Zotinho.

Estivemos por lá uns 8 ou 10 dias e trouxe a turma, como já disse. Chegando na Ponte do Carmo, achei tudo em dia. Alaíde com as irmãs, firme no batente.

4 – TRABALHO E NEGÓCIOS

Nestas alturas eu já tinha feito um bom retiro lá no córrego do Cafundó a uns 2 km para lá da minha casinha. Já tinha formado pastos e no mês de junho soltava o gado na palhada do cafundó. Alaíde levantava de madrugada e com um camarada tirava o leite e a Zuza levava de charrete para a fábrica da Vigor. Eu já tinha feito um puchado na frente da minha casa, 6m x 5m, de tijolo, telha francesa e chão de cimento.

Na divisão do gado na Fazendinha, O Antonio Gorgulho e o Eduardo tiraram o gado novo, uma novilhada boa, mas vieram poucas vacas dando leite. Eu, com o nome da Alaíde e com o trabalho de todos, arrumei dinheiro para pagar o inventário com o Sr. Nelito, gerente do banco de Itajubá. Querendo aumentar o leite comprei 10 vacas com um sitiante no caminho de Soledade por 100 contos e 4 meses para pagar, sem juros. Comprei do Manuel da Estação 22 vacas a 8 contos cada uma, pagando-lhe os juros de 2% ao mês.

Fiz um paiol de bambu, 6m x 3m, coberto de sapé. Na colheita do milho, punha os nossos e comprava do pessoal do Aterrado que vinham oferecer. Enchia aquele paiol de milho e fiz outro puxado de 6m x 3m na frente. Um ano cheguei a fazer 24m de comprimento e 3m de largura e tudo cheio de milho.

Fiz um grande chiqueirão pelo lado debaixo da linha. Tinha umas 8 ou 10 porcas criadeiras. Vinha o Sr. Pedro, fabricante de queijos, lá de Freitas, que com o soro engordava a porcada. Trazia o caminhão e os camaradas enchiam de porcos e me deixava os cheques de 40 ou 50 contos cada viagem

Por estas alturas e com as despesas do inventário e da divisão, compras de gado, formação de pastos e arame para cercas, retiro, ficamos devendo 400 contos.

Alaíde disse:

– Papai, vamos vender o gado e arrendarei uma parte do terreno para pagar as dívidas.

Apareceu o Nilton, neto do Tônico Negreiros, que aceitou comprar o gado, mas queria arrendar tudo. Vinha quase todos os dias ajudar a Alaíde a tirar leite. Ficou conhecendo todo o gado. Eu dava 60 vacas para ele escolher por 500 contos. Ele ofereceu 400 contos pelas vacas, com os terrenos todos por 4 anos, com direito a mais 4 anos.

Alaíde e Glorinha ficaram entusiasmadas com a oferta e disseram:

– Dá para pagar as dividas e ainda sobra 100 contos. Eu fiquei pesaroso. Gostava de ver o povo trabalhar e ver o gado na capoeira, quase 80 vacas espalhadas por aí. Maria também não achava bom arrendar tudo e me disse:

– Vamos rezar que Nossa Senhora arruma tudo.

Um dia, ali pelas 9 horas, parou um automóvel ali em cima na estrada e desceram o Milton e o Astragésio, fazendeiro de Silvestre Ferraz. Milton disse:

– Trouxe aqui um padrinho para pagar o gado: 400 contos.

Eu mandei entrar. Entraram, sentaram e eu fui na cozinha acender um cigarro, quando a Alaíde propôs a ele a repartir a diferença. Deixava por 450 contos. Nessa hora meu coração bateu doido. Chamei por Nossa Senhora e entrei na sala com o cigarro aceso. Quando ele disse:

– Nem mais um tostão D^a Alaíde: 400 contos. O dinheiro está aqui.

Eu disse: – Não temos mais negócio.

Eles já tinham tomado café, despediram-se e trataram de sair.

Maria disse para Alaíde:

– Deus sabe o que faz, minha filha. Vamos trabalhar. Seu pai gosta de trabalho. O trabalho é oração.

Passado uns dias chegou um fazendeiro de São José dos Campos, meu conhecido e amigo, que estava comprando vacas de leite e me disse:

– O gado está melhorando de preço. Já andei por estas bandas e o gado mais bonito e sadio é o seu. Ofereceu-me uma casa na Rua 15 de Novembro em São Lourenço com 2 lotes por 500 contos e compraria 20 vacas por 400 contos.

Não fazendo negócio com ele, Maria me falou:

– Por que você não vai ver o Zé Dotti para arrendar para ele?

Zé Dotti, filho da Goica com Antonio Dotti, casado de novo com a Heleninha, filha do Tônico Nogueira em Pouso Alto. Negociava e tinha armazém no bairro Carioca em São Lourenço. No outro dia peguei a charrete e fui lá com ele. Propus-lhe arrendar o Cafundó e vendia o gado que ele quisesse. Ele me disse:

– Eu não posso, o capital que tenho está empatado.

Insisti com ele e falei:

– Você gosta de roça. Vai lá que combinamos um negocio razoável.

Ele veio e combinamos. Arrendei o Cafundó, a parte dos meninos, por 12 contos por mês durante 4 anos com direito a mais 4. Vendi para ele o gado por 400 contos pagando os juros que eu estava pagando. Passei a dívida para ele.

Ele veio com os camaradas, fez um retiro lá em cima e começou a tirar leite. Passado uns dias ele veio aqui em casa com o Zé Bartolomeu, Niquinho e Gabriel para passarmos o Contrato. Escreveram as cláusulas do Contrato. Só uma eu não aceitei: os 4 anos seguintes a 50%, de 12 contos passava para 18 contos. Eu disse:

– Os outros 4 anos é preço de ocasião.

O Dotti disse:

– Não tio Zótinho, eu não faço questão, mas quero o Contrato assinado.

Eles estavam sentados à mesa, eu saí um pouco da sala e Alaíde me falou:

– Eu assino o Contrato.

Ela queria beneficiar o Zé Dotti. Eu disse:

– Pode assinar minha filha.

Assinou e ele foi todo contente. Passado um ano de arrendo o leite subiu de 8 para 50 mil reis o litro. Eu recebi o arrendo de 12 contos que foi tratado.

No ano seguinte a Alaíde me falou:

– Vê se o Zé Dotti paga os 18 contos neste ano.

Falando com ele em aumento, ele falou:

– Vou pagar 30 contos, tio Zótinho.

No fim dos 4 anos ele estava pagando 120 contos. Depois combinou com Alaíde de pagar em leite, um litro por alqueire e está pagando assim até hoje, já faz 10 anos. Hoje ele é proprietário aqui no Carmo, lutando este tempo todo sozinho aqui no mato. Vem cedinho e volta à noite.

Depois dos negócios todos arrumados, encontrei na rua de São Lourenço, o Sr. Nelito do Banco. Ele me perguntou:

– Está tudo arrumado, os negócios, não é?

Eu respondi:

– Louvado seja Deus e ao Sr. que foi o homem que me protegeu. Que Deus lhe pague por tudo que o Sr. fez por mim pela minha família.

Ele disse: – Você pagou tudo direitinho.

Eu despedi-me e saí. Ele ficou contando a história a seus amigos.

5 - VISITA DO ARIMATHÉA

Passado uns dias recebi a visita do Arimathéa, seminarista em Caxambu. Ele me falou que queria trazer uns colegas para um passeio. Eu perguntei: – Quantos são? Ele falou: – São uns 25.

Como a casa era pequena eu disse a ele:

– Venham todos passar o dia em São Lourenço.

No dia combinado vieram os seminaristas e dois padres: Joaquim e João Parreira. A Glorinha, Zuza e Alda foram esperá-los em Soledade no trem da manhã. Ficaram conversando com os seminaristas enquanto o trem estava fazendo manobras. O trem deu a partida, o pessoal embarcou no trem e a Zuza ficou olhando pensando que ainda fosse manobra. O trem foi embora e ela ficou sozinha na plataforma, chorando.

Veio um homem gordo e falou:

– É isto, fica enlevada com esses moços de saia preta, bem feito.

Veio outro e disse:

– Você é filha do Sr. Zotinho? Quer ir para São Lourenço? Entra ali no jipe.

Zuza entrou e chegou junto com eles no bebedouro, pra lá da ponte. Tomaram um café reforçado na Estação, passearam, foram no parque, etc. As 2:00 horas almoçaram no Hotel Monte Azul. Eles e meu pessoal todo tocaram piano e cantaram no salão do hotel. Foram passear na Federal na casa da Carmita e do Niquinho. Na boca da noite regressaram para Caxambu.

Em 57 o Arimathéa teve 30 dias de férias. Estava pronto para seguir para Roma. Ele aproveitando as férias foi com a Glorinha e a Zuza ao Paraná visitando as irmãs e parentes. Esteve por lá uns 8 dias, que foram de festas. Passearam pelo norte do Paraná. Quando voltou trouxe minhas duas filhas Dorinha e Terezinha, com uma garrafa de champagne. No fim das férias embarcou aqui no Carmo, na Estação de Américo lobo, para o Rio e de lá para Roma.

6- MEU ANIVERSÁRIO

A minha casa sempre foi alegre, com a graça de deus e a minha boa esposa, filhos, parentes e amigos. Fazíamos reuniões quase todas as semanas. Trabalhávamos de dia e de noite era aquela brincadeira. Dia 27 de janeiro é meu aniversário. A minha esposa, filhos e parentes sempre fazia festa neste dia. Em um desses dias, ela pediu ao padre Francisco para vir celebrar uma missa aqui. Às 9 horas ele desembarcou aqui no Américo Lobo de surpresa, juntamente com a banda de Conceição do Rio Verde, regida pelo maestro Pedro Maradei, meu colega de infância. Ele que regia a nossa orquestra no Rosário de Dom Viçoso, no meu tempo de moço. Foi uma bonita surpresa.

Quando o trem saiu da Estação a banda tocou o nosso antigo “Capitão Caçula” e foi tocando lá pra minha casa. Eu saí no terreiro e de tão contente e alegre, sentei em uma pedra e chorei bastante. Recordei o meu tempo em que já se vão longe.

Outra surpresa agradável que tive aqui no Carmo foi a visita do Padre Mariano de Pouso Alegre, que há 30 anos atrás, fez o mês de Maria lá na casa Grande com o meu pai.

Eu tinha sido ajudante do padre com a Maria e as três meninas: Alaíde, Bebé e Dorinha, que eram as cantoras. Por esse espaço de tempo ele foi embora para São Paulo e eu nunca mais soube dele.

Aparecendo em São Lourenço, Pe Mariano, já velho e bastante doente no Hospital de São Lourenço, a Carmita o encontrou e perguntou: – O Sr. não é o padre Mariano?

– Sou, e você não é a Carmita, filha do Sebastião?

E logo perguntou do Zotinho, porque os velhos já tinham morrido: Sebastião, João do Morro, Imaculada, Maria Rita, etc.

No outro dia ele veio com o Zé Gorgulho e Carmita aqui no Carmo, em minha casa. Maria aprontou um lauto jantar. Estava aqui comigo a Alaíde, quem ele já conhecia e perguntou da Bebé e da Dorinha. No outro dia chegou a Bebé de Pouso Alto e conversamos muito com ele, recordando o passado. A Dorinha estava no Paraná. “Os reveses do cristão que tem fé, tornam-se regozijos neste mundo mesmo”.

7 – A DOENÇA DE MINHA ESPOSA

Minha boa esposa era um anjo, mulher de muita fé, sabia fazer tudo com gosto e perfeição. Desde menina ela fazia as nove sextas feiras. Casando, ela continuou comungando nas nove sexta feiras. Ela não esteve na escola, aprendeu a ler e a escrever em casa com sua mãe.

Com seus livros de rezas e com os evangelhos explicados pelos vigários, ela sabia a religião melhor do que eu que estudei no seminário. Mulher forte, de muita saúde e trabalhadeira.

Quando menina comprou uma maquina Singer, pagando em prestações, com seu próprio serviço. Aprendeu a costurar para homens e mulheres. Era a costureira da família e dos vizinhos. E a dita máquina eu conservo até hoje, em perfeito estado. Para a Maria não tinha tempo ruim. Mansa e humilde de coração, sempre dizia: – Tudo que Deus faz é para melhor.

Lembro-me de um dia que peguei uma égua, arriei na porta da sala, montei e saí. Na porteira do curral tinha uns cavalos de pau, a égua pisou e um cavalo bateu na barriga dela. Ela deu uns pulos, arrebentou a barrigueira, o arreo virou e eu fui ao chão, mas segurando firme as rédeas para não deixar a égua sair. Maria veio correndo, chegando na hora que eu levantava e batia a poeira da bunda.

Ela disse: – Louvado seja Deus!

Eu perguntei: – De eu ter caído?

Ela respondeu: – Não, de não ter morrido.

Soltei a égua e fomos para dentro rindo.

No ano que o Arimathéa foi para Roma ela ficou doente.

A minha casinha na beira da linha precisava de uns consertos. Arranjei com o Sr. Clemente, que era o Agente aqui da Estação de Américo Lobo, um quarto e sala. Ele me deu a chave da entrada. Eu com a Maria posávamos aqui na Estação e as meninas no puchado que fiz para a escola. Desmanchei a casa velha e fiz outra no mesmo lugar. Aqui na Estação a Maria teve uma crise de ameaço de derrame. O Sr. Clemente telegrafou imediatamente para São Lourenço, lá eles telefonaram para a Farmácia Americana e o Niquinho que estava com o automóvel na porta, trouxe a injeção. Logo depois da reação ela melhorou.

No outro dia veio o frei Filoteo, trouxe comunhão para ela e falou comigo que achava melhor ungir, porque era doença de coração. Niquinho já havia me falado que ela, até ao pegar uma palha no chão, poderia morrer, que o coração estava por um fio. Deu a ela uns 2 ou 3 meses de vida. Frei Filoteo falando com ela, ela disse que queria ser ungida. Foi ungida e ficou tão satisfeita que no outro dia levantou e sentou-se na sala para conversar com as visitas. Ela pediu ao frei Filoteo e quase todos os dias ele trazia comunhão para ela.

Passado uns tempos ela pediu-me que queria ir para Pouso Alto.



Visita do Arimatéia aos pais, antes de ir para Roma (Em frente à casa da Ponte do Carmo).
Sentados: Vovó Maria e Vovô Zotinho.